

O temperamento de crianças entre os 6 e os 11 anos em situação de risco: alguns fatores de influência

Ana Rute de Sousa Cayola Mourão

M

2021



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação

**Influência ambiental e/ou biológica no temperamento de crianças entre 6 e 11 anos em
situação de risco**

Ana Rute de Sousa Cayola Mourão

Junho 2021

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora **Marina Serra de Lemos** e coorientada pela Doutora **Ana Catarina Canário** (FPCEUP)

Avisos Legais

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela. Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

A presente investigação faz parte de um projeto de investigação mais vasto “ Sucesso de Reunificação familiar após a institucionalização da criança: Avaliação da eficácia de uma intervenção de parentalidade positiva (REUNIRmais), coordenado pela Doutora Ana Catarina Canário e pela Prof Doutora Orlanda Maria da Silva Rodrigues da Cruz, promovido pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto(FPCEUP), sendo financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (PTDC/SOC-ASO/31727/2017).

Agradecimentos

A presente dissertação assinala a conclusão de um ciclo muito importante e desafiante da minha vida. Foram 5 anos de muita dedicação que se traduziram num enorme crescimento profissional, e também pessoal. Ao longo destes anos adquiri ferramentas que certamente serão imprescindíveis na minha vida profissional que será posta em prática a partir de agora.

Primeiramente, gostava de fazer um agradecimento especial à minha família não só pelo o apoio que me deram ao longo desta caminhada, mas também pelo apoio que recebi de todos ao longo da minha vida. Aos pais que sempre me apoiaram e procuraram fazer de tudo o que estava ao seu alcance para eu ser bem sucedida neste curso e na vida. Agradeço ao meu irmão, à minha cunhada, ao meu afilhado, e à minha sobrinha por sempre se mostrarem interessados, preocupados e orgulhosos ao longo desta minha caminhada.

Ao meu namorado, agradeço o apoio incondicional que me ofereceu ao longo destes 5 anos, transmitindo-me sempre confiança de que ia conseguir alcançar o meu sonho. Agradeço-lhe sobretudo pelo o orgulho que sente em relação a mim e que faz questão de estar sempre a referir, torna tudo mais motivador.

Estou imensamente agradecida aos meus amores de estudante (Ana Machado, Mariana Meireles, Inês Oliveira, Diana Marques, Ana Raquel Costa, Cátia Costa, Helena Costa, Catarina Sousa, Beatriz Saraiva, Joana Campos e Marisa Alves) por terem tornado este percurso mais fácil mesmo com as dificuldades que surgiram pelo caminho. Obrigada pelo apoio, companheirismo e sobretudo pela a amizade que fomos cultivando ao longo destes 5 anos.

A todos os docentes que partilharam ferramentas e conhecimentos sobre as mais variadas temáticas da psicologia, tiveram um papel essencial na minha formação. O meu sincero obrigada.

Gostaria de agradecer também ao Doutor José Bastos que me orientou o estágio curricular, transmitindo-me aprendizagens para a vida a nível profissional, mas também a nível pessoal. Além disso, permitiu-me realizar um estágio excelente e que foi de encontro às minhas expectativas mesmo com a pandemia do COVID-19.

Para terminar, o meu sincero agradecimento à professora Doutora Marina Serra Lemos e à Doutora Ana Catarina Canário por me terem guiado da melhor forma possível nesta dissertação que considero que foi um enorme desafio para mim.

Resumo

O temperamento difícil na infância é tipicamente percebido como um fator de risco para o desenvolvimento. Tem sido relacionado com problemas emocionais, comportamentais e acadêmicos na população geral mas não na população seguida pelos serviços de proteção.

O presente estudo tem como objetivo analisar o temperamento e as variáveis que influenciam o mesmo, em crianças seguidas pelos serviços de proteção. Especificamente, o presente trabalho de investigação pretende, avaliar os efeitos : 1) de características da família nas variáveis de temperamento da criança (reatividade negativa, persistência na tarefa, sociabilidade e atividade; temperamento difícil; inibição), 2) motivo de sinalização e de sinalizações anteriores nas variáveis de temperamento da criança, e 3) interação entre o sexo/ faixa etária da criança e as variáveis motivo de sinalização e sinalizações anteriores nas variáveis do temperamento da criança.

Participaram no estudo 107 crianças sinalizadas pelos serviços de proteção (81% antes da pandemia do Covid-19 e 19% durante a pandemia de Covid-19), recrutadas no âmbito do projeto REUNIRmais. As mães e as crianças foram avaliadas presencialmente, por investigadores da equipa do projeto. As mães informaram sobre as características das famílias, sobre a perceção do temperamento da criança (SATI e ISP), e as crianças realizaram a prova de inibição da NEPSY-II. A maioria das famílias são seguidas pela CPCJ por negligência ou exposição à violência doméstica, sendo que 42% das crianças já teve medidas de promoção e proteção prévias. As crianças são maioritariamente do sexo masculino e frequentam o 1º ciclo (65%), sendo a maioria primeiros ou segundos filhos e a tipologia familiar mais comum é a monoparental.

Não se verificou o efeito das características da família nas variáveis de temperamento da criança. As crianças sinalizadas por negligência são menos ativas e menos difíceis do que as crianças sinalizadas por outros motivos. Os pais de crianças com sinalizações anteriores percebem os seus filhos como mais difíceis. As crianças do sexo masculino são as que exibem maiores níveis de atividade, sendo que os pais das crianças do sexo masculino com 9 ou mais anos de idade percebem os seus filhos como mais difíceis, sendo também estas crianças que apresentam um pior desempenho na prova de inibição.

Estes resultados demonstram que o temperamento é influenciado por vários fatores. É essencial conhecermos o temperamento das crianças de famílias sinalizadas pelos serviços de proteção com o objetivo de lhes prestar uma intervenção especializada e eficiente.

Abstract

Difficult temperament in childhood is typically perceived as a risk factor for development. It has been related to emotional, behavioural and academic problems in the general population but not in the population followed by child protection services (CPS).

The present study aims to evaluate the temperament and the variables that influence it, in children followed by protection services. Specifically, the purposes of the current study are to assess the effects of: 1) family characteristics on child temperament variables (negative reactivity, task persistence, sociability and activity; difficult temperament; inhibition), 2) reason for actual and previous CPS referral on child temperament variables, and 3) interaction between children's gender/age and reason for actual and previous CPS referral on child temperament variables.

A total of 107 children followed by CPS (81% before the Covid-19 pandemic and 19% during the Covid-19 pandemic), recruited under the REUNIRmais project, participated in the study. Mothers and children were assessed face-to-face by researchers from the research team. Mothers provided information about the family's characteristics, child's perceived temperament (SATI and ISP), and children completed the NEPSY-II inhibition subtest. Most of the families were followed by CPS due to neglect or exposure to domestic violence, and 42% of the children had been previously followed by the same services. The children were mostly male and attend the 1st cycle of basic education (65%), most of them were first or second children, and lived in single parent one.

The effect of the family characteristics on children's temperament variables was not observed. Neglected children were found to be less active and less difficult than those referred to CPS for other reasons. Parents of children referred to CPS perceive their children as more difficult. Male children exhibited the highest levels of activity, with parents of male children aged 9 and older perceiving their children as more difficult. These children also performed worst on the inhibition test.

These results show that temperament is influenced by several factors. It is essential to know the temperament of children from families followed by CPS in order to provide them with a specialized and efficient intervention.

Resumé

Un tempérament difficile dans l'enfance est généralement perçu comme un facteur de risque pour le développement. Il a été associé à des problèmes émotionnels, comportementaux et académiques dans la population générale mais pas dans la population suivie par les services de protection de l'enfance.

La présente étude vise à examiner le tempérament et les variables qui l'influencent, chez les enfants suivis par les services de protection. Plus précisément, la présente recherche vise à évaluer les effets : 1) des caractéristiques familiales sur les variables du tempérament de l'enfant (réactivité négative, persistance dans la tâche, sociabilité et activité ; tempérament difficile; inhibition); 2) de la raison du signalement actuel et du signalement antérieur sur les variables du tempérament de l'enfant, et 3) de l'interaction entre le sexe/groupe d'âge de l'enfant et les variables de la raison du signalement actuel et du signalement antérieur sur les variables du tempérament de l'enfant. 107 enfants suivis par les services de protection (81% avant la pandémie de Covid-19 et 19% pendant la pandémie de Covid-19), recrutés dans le cadre du projet REUNIRmais, ont participé à l'étude. Les mères et les enfants ont été évalués en personne par l'équipe du projet. Les mères ont fait un rapport sur les caractéristiques familiales et sur la perception du tempérament de l'enfant (SATI et ISP) tant que les enfants ont rempli le test d'inhibition NEPSY-II. La plupart des familles sont suivies par les services de protection pour négligence ou exposition à la violence domestique, et 42% des enfants ont déjà fait l'objet de mesures de promotion et de protection. Les enfants sont majoritairement de sexe masculin et fréquentent le 1er cycle de l'éducation de base (65%), tandis que pour la plupart d'entre eux il s'agit du premier ou du deuxième enfant, avec la typologie familiale la plus courante étant la monoparentale.

Aucun effet des caractéristiques familiales sur les variables du tempérament de l'enfant n'a été constaté. Les enfants suivis pour négligence sont moins actifs et moins difficiles que les enfants suivis pour d'autres raisons. Les parents d'enfants ayant fait l'objet de rapports antérieurs perçoivent leurs enfants comme plus difficiles. Les enfants de sexe masculin présentent les niveaux d'activité les plus élevés avec les parents d'enfants de sexe masculin âgés de 9 ans et plus percevant leurs enfants comme plus difficiles, et ces enfants obtiennent également les pires résultats au test d'inhibition.

Ces résultats montrent que le tempérament est influencé par plusieurs facteurs. Il est essentiel de connaître le tempérament des enfants des familles suivis par les services de protection afin de leur fournir une intervention spécialisée et efficace.

Índice

Índice

Índice de Gráficos.....	xi
Índice de	
Figuras.....	xi
Introdução.....	1
1.Enquadramento Teórico.....	2
1. Temperamento.....	2
1.2.Temperamento e Desenvolvimento.....	2
1.3.Avaliação.....	4
1.4. Caraterísticas Sociodemográficas e Familiares.....	5
1.5.Temperamento e Genética.....	8
2.Estudo Empírico.....	10
Método.....	11
2.1 Participantes.....	11
2.2 Instrumentos.....	15
2.3 Procedimentos.....	18
3. Resultados.....	18
4. Discussão.....	25
5.Conclusão.....	29
6. Referências	
Bibliográficas.....	30

Lista de Abreviaturas

CBQ- Children Behavior Questionnaire

CPCJ- Comissão de proteção de Crianças e Jovens

IBQ- Infant Behavior Questionnaire

ISP- Índice de Stress Parental

ODD- Perturbação de Oposição Desafiante

PDAH- Perturbação por Défice de atenção e hiperatividade

SATI- School Age Temperament

Índice de Figuras

Figura 1. Diferenças de média de efeito de interação entre o sexo da criança e o motivo de sinalização na variável do temperamento atividade.....	21
Figura 2. Diferenças de médias de efeito de interação entre o sexo da criança e a faixa etária na variável de temperamento Índice de Stress Parental	22
Figura 3. Diferenças de médias de efeito de interação entre o sexo da criança e a faixa etária na variável de temperamento Inibição	23

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caraterização da População Amostral	11
Tabela 2. Caraterização do temperamento das crianças em função da tipologia familiar: Média, Desvio Padrão e resultado das ANOVA unifatoriais.	18
Tabela 3. Caraterização do temperamento das crianças em função do Motivo de sinalização: Média, Desvio Padrão e Diferenças de média	19
Tabela 4. Caraterização do temperamento das crianças em função do histórico de sinalizações anteriores: Média, Desvio Padrão e Diferenças de Média.....	20

Introdução

A psicologia enquanto uma ciência que procura explicar o comportamento humano, dedica-se a perceber os fenómenos que nos tornam seres únicos, peculiares e distintos uns dos outros. O temperamento é um fator que se insere nesta ciência explicativa do ser humano, que tem vindo a ser estudado ao longo dos anos. O temperamento tem uma influência no nosso desenvolvimento ao longo da infância e de toda a vida. Há muito que se aponta o temperamento como uma característica inata, e biológica que nasce em cada um de nós, mas existem teorias que consideram que o temperamento é em grande parte influenciado por variáveis ambientais e cada vez se torna mais importante percebermos a associação entre estas duas variáveis e a forma como se influenciam mutuamente.

Esta dissertação descreve um estudo que visa analisar o temperamento das crianças, e a forma como esse temperamento é influenciado por características socio-demográficas e familiares. São apresentados dados recolhidos no âmbito do projeto de investigação REUNIRmais.

Este trabalho está organizado em 5 partes distintas. A primeira parte remete à revisão da literatura, em que são apresentadas, de acordo com a literatura existente, as características de temperamento de crianças com fatores de risco, a caracterização familiar dessas crianças, bem como uma breve apresentação da relação entre o temperamento e o polimorfismo genético 5-HTTLPR. Na segunda parte é descrito o método, mais concretamente, o procedimento, as medidas e instrumentos utilizados na recolha de dados. Na terceira parte são apresentados os resultados das análises efetuadas, e na quarta parte há a discussão desses resultados tendo em conta a revisão da literatura. Na quinta e última parte, são expostas considerações finais da investigação.

Enquadramento Teórico

1.1 Temperamento

O temperamento é regularmente definido como tendo uma base biológica que reflete diferenças de reatividade e de autorregulação que são tipicamente expressas como diferentes respostas a nível de intensidade, latência, duração, limite, e tempos de recuperação. Essas diferenças individuais aparecem nos primeiros anos de vida e permanecem moderadamente estáveis ao longo do tempo, sendo influenciadas pela hereditariedade, amadurecimento, conhecimento e experiência contextual (Rothbart et., al 2001.).

Existem numerosas definições de temperamento, assim como várias perspetivas sobre a sua estrutura e componentes bem como, quanto à sua avaliação (Carranza & Salinas, 2003; Goldsmith et al., 1987).

A partir de entrevistas com os pais sobre o temperamento das suas crianças, o New York Longitudinal Study (Thomas & Chess, 1977) identificou um conjunto de componentes do temperamento. Estes componentes incluem o nível e ritmo de atividade, humor, atenção e concentração, intensidade de resposta, adaptabilidade e interação, e persistência. As características do temperamento , tal como já foi referido, surgem desde o nascimento. As suas manifestações mais visíveis são no recém-nascido que pode mostrar angústia e movimentos evitantes e por volta dos 2/3 meses ,começam a surgir reações instintivas como sorrisos, risos e movimentos corporais. A raiva e a frustração surgem também por volta dos 2/ 3 meses.

1.2 Temperamento e desenvolvimento

O temperamento é definido por Rothbart como dizendo respeito às diferenças individuais baseadas na reatividade e autorregulação. Para compreendermos mais aprofundadamente o temperamento é necessário termos em mente várias dimensões do temperamento como o afeto negativo, o controlo de esforço e a orientação atencional). O *afeto negativo* é muitas vezes considerado um protótipo de temperamento reativo. Em termos desenvolvimentais, o afeto negativo pode ser avaliado a partir de um mês de idade e permanece relativamente estável ao longo do desenvolvimento da criança (Rothbart,1989). O afeto negativo reflete um amplo fator de temperamento, incluindo medo, ansiedade e tristeza, bem como uma tendência a ficar emocionalmente perturbado perante a frustração. Por sua vez, o *controlo de esforço* também se encontra ligado ao temperamento, mas este elemento surge mais tarde no desenvolvimento do que os traços reativos e continua a desenvolver-se ao longo da infância e na adolescência (Rothbart et., al 2003). Elevados níveis de traços reativos e baixos

níveis de controlo de esforço têm sido associados à psicopatologia infantil, particularmente a dificuldades comportamentais (Rothbart, 2007). Além disso, afeto negativo e controlo de esforço estão negativamente relacionados um ao outro (Rothbart & Sheese, 2007).

Na infância, a *orientação atencional* representa o principal meio de autorregulação. No entanto, por volta dos 3-4 anos, o sistema de atenção executiva começa a regular cada vez mais a cognição e emoção (Posner & Rothbart, 2000). A atenção executiva permite-nos controlar os detalhes da nossa consciência, contribuindo para a seleção da informação, a correção de erros e regula as nossas emoções (Posner & Rothbart, 2000). Algumas evidências relacionam as estruturas cerebrais com a rede de atenção anterior, particularmente o córtex cingulado anterior (Bush et al., 2000), propondo que este sistema representa a ligação entre controlo executivo, habilidades de controlo cognitivo, controlo de esforço e temperamento.

Além disso, foi estabelecida uma associação entre o desempenho em tarefas de memória de trabalho verbal, e o controlo inibitório e atencional do temperamento nas crianças (Wang et al., 2012). Assim, existem evidências de que o controlo emocional está cada vez mais sob a influência do controlo cognitivo no curso do desenvolvimento (Perlman & Pelphery, 2010). As funções executivas explicam a forma pelas quais as crianças manifestam ou inibem o seu comportamento. Crianças com capacidade em inibir o seu comportamento tenderão a ter temperamentos mais fáceis por conseguirem controlar os seus comportamentos, por sua vez, as crianças com menos capacidade de inibição e de controlo sobre as funções executivas tendem a ter temperamentos mais difíceis.

A relação entre temperamento difícil na infância e os problemas emocionais, profissionais e comportamentais têm sido estudados na população geral mas não na população seguida pelos serviços de proteção, principalmente aquelas crianças que estão a ser seguidas por situações de abuso e / ou negligência. Note-se que as crianças seguidas pelos serviços de proteção incluem todas as crianças com quem os serviços de proteção infantil tem algum contato. O temperamento difícil é tipicamente percebido como um fator de risco para o desenvolvimento. Existem outros fatores para além do temperamento, que contribuem para o desenvolvimento de problemas comportamentais e emocionais em bebés e crianças pequenas, como a pobreza e a baixa escolaridade materna (Côté et al., 2006 ; Huijbregts et al., 2007; Tremblay et al., 2004) e depressão materna (Beck, 1999; Korja et al., 2008 ; Madigan, et al., 2007; Martins & Gaffan, 2000). Neste sentido, torna-se essencial a avaliação do temperamento em crianças que comportam estes fatores de risco, pois a avaliação poderá ser um importante indicador para a intervenção em populações de risco.

1.3 Avaliação

O temperamento das crianças pode ser avaliado mediante várias fontes, nomeadamente através do relatório dos pais, avaliações por meio de observação, observações diretas em casa e/ou no laboratório (Rothbart & Hwang, 2002). Os questionários são uma forma de avaliação comumente utilizada. Seguidamente, são apresentados alguns dos questionários mais utilizados na investigação do temperamento. O *Infant Behavior Questionnaire- IBQ* (Rothbart, 1981) é um questionário de 94 itens para pais que avalia o temperamento do bebé no primeiro ano de vida. Este questionário avalia seis escalas comportamentais: Atividade(atividade locomotora, agitação dos braços e das pernas), Sorrir e Rir(Sorriso ou riso da criança em situações de cuidados gerais e brincadeiras.), Angústia perante a estímulos repentinos ou novos(quando o bebé se assusta ou angustia com mudanças súbitas na estimulação, novos objectos físicos ou estímulos sociais; abordagem inibida da novidade), Angústia perante limitações(agitação quando bebé tem de permanecer no mesmo lugar ou posição ou quando é incapaz de lidar com determinada ação desejada), Capacidade de se acalmar e Duração da orientação (A atenção do bebé a e/ou interacção com um único objecto durante longos períodos de tempo). As escalas Sorrir e Rir e Duração da Orientação são combinadas a uma escala de Emocionalidade Positiva. Tanto a estabilidade quanto a validade do IBQ foram documentadas. Para além do IBQ, as escalas The Early Childhood Behavior Questionnaire (Goldsmith, 1996) e *The Children's Behavior Questionnaire* (Rothbart et al., 2001) indicam também de forma confiável 3 domínios amplos do temperamento- Afeto Negativo, Surgência / Extroversão e Capacidade Reguladora / Controlo de Esforço (Putnam et al., 2001).

No caso das observações em laboratório, avalia-se um conjunto de comportamentos que, devido ao contexto e ao intervalo de tempo de avaliação bastante curto é no entanto considerado artificial. Por sua vez, têm também sido apontadas fragilidades como erros observacionais relacionados com as características do próprio observador, efeitos das medidas sobre os comportamentos das crianças e interações entre características do avaliador e do comportamento da criança. Além disso, a novidade do ambiente pode alterar o comportamento da criança podendo fazer com que fique mais focada nas tarefas tornando o comportamento que é exibido no laboratório não representativo do comportamento habitual da criança em ambiente doméstico (Rothbart & Goldsmith, 1985).

Nas observações realizadas na residência da criança, tem sido considerado que a estabilidade que possa ser encontrada no relato dos pais e do observador pode decorrer devido à interação entre a criança e o progenitor, em vez de decorrer por ser uma característica da criança, isto é, aquilo que é observado pelo observador ou relatado pelos pais pode ser um comportamento adotado pela criança nessa situação, que pode não corresponder à característica intrínseca da mesma. A criança pode optar por ter comportamento mais positivo por sentir que está a ser avaliada.

Constatam-se desvantagens também na utilização dos relatos dos pais, uma vez que podem constituir fontes de viés na investigação devido à personalidade dos mesmos e as distintas interpretações que podem fazer do comportamento dos seus filhos. Apesar desta desvantagem, o relato dos pais pode ser importante do ponto de vista avaliativo, dado que permite recolher diferenças individuais das crianças tanto de uma forma ampla como restrita, aproveitando a capacidade dos pais que visualizam uma ampla gama de situações dos seus filhos que são eticamente e logisticamente impossíveis de recriar em laboratório (Putnam et., al 2001; Rothbart & Bates, 1998). Esta abordagem permite avaliar várias dimensões que compõem o construto do temperamento.

A investigação que se dedica a estudar sobre o temperamento infantil tem vindo a demonstrar uma convergência entre o relato dos cuidadores das crianças observações em laboratórios (Goldsmith & Campos, 1990; Kochanska et., al 1997). O uso de um único método de avaliação para analisar o temperamento pode levar a um enviesamento dos resultados. Assim, podemos concluir que devemos procurar utilizar de uma forma combinada várias medidas de avaliação do temperamento, pois permite que a nossa avaliação não seja enviesada por apenas um método de avaliação.

1.4 Características sociodemográficas e familiares que influenciam o temperamento das crianças

Para além das características das crianças e do próprio desenvolvimento do temperamento, é essencial termos em conta as características sociodemográficas e familiares das crianças no que concerne à análise do temperamento.

Considerando as *características sociodemográficas*, um estudo que pretendia analisar a relação entre o temperamento das crianças com idades entre os 4 e os 6 anos (avaliado

através das percepções parentais sobre o temperamentos dos filhos)e variáveis sociodemográficas, constatou resultados estatisticamente significativos entre os Dados Sociodemográfico e CBQ(Children's Behavior Questionnaire, Rothbart et al.,1994). *O afeto negativo* exibiu correlações estatisticamente significativas com variáveis sociodemográficas, como o número de pessoas que residem no domicílio, a escolaridade e o rendimento familiar . Verificou-se mais especificamente, que quanto maior o número de habitantes na residência familiar , quanto menor a escolaridade de pai e de mãe, o rendimento do pai e da mãe e o rendimento mensal da família, mais a mãe tende a referir que a criança apresenta reações de raiva, medo, tristeza, desconforto e baixa capacidade de se acalmar. A correlação entre o número de pessoas que vive na residência familiar e o afeto negativo identificado pela mãe, coincide com resultados anteriores que revelaram que mães de dois ou mais filhos relatavam mais afeto negativo na criança focal do que as mães de apenas um filho(Schmidt et al., 2018). Estes resultados apresentam conformidade, pois um maior número de filhos encontra-se associado a um maior número de pessoas que vive na residência da família.

Em relação ao fator afeto negativo referido pelo pai, verificou-se que quanto menor o rendimento do pai e do agregado familiar, mais o pai relata ser difícil acalmar a sua criança e que a mesma está várias vezes aborrecida, ficando também bastante frustrada quando não a deixam fazer o que pretende, sente-se muito incomodada com um pequeno corte ou ferimento, bem como deprimida ao não conseguir concluir alguma tarefa . (Schmidt et al., 2018)

Corapci (2008) realizou um estudo que tinha como objetivo estabelecer uma associação entre o efeitos cumulativos do risco e o temperamento das crianças avaliado pelos professores, através da avaliação das competências sociais das crianças e da observação da interação com os pares numa amostra de crianças do pré-escolar. Neste estudo foi ainda testado se o temperamento influencia a competência social das crianças, analisando se o temperamento é um fator protetor ou promotor das competências sociais. Considerou-se que seria pertinente ter em conta as variáveis sociodemográficas, dado que se constatarem correlações entre as variáveis demográficas, familiares / psicossociais e as variáveis de temperamento infantil. A amostra deste estudo era constituída por famílias monoparentais, desempregadas, com menor número de crianças no agregado familiar e taxas mais elevadas de mobilidade residencial. Verificou-se um baixo sentido de auto eficácia das mães, bem como mais impulsividade nas crianças quando a casa estava desorganizada. O tamanho do agregado familiar foi mais uma vez , significativamente e negativamente, relacionado à impulsividade infantil .

As caraterísticas familiares também parecem ter uma influencia sobre o temperamento. Harrington e colaboradores (1998) recrutaram 121 famílias, em dificuldades económicas com

crianças com menos de 30 meses, as mães indicavam que, quando dedicavam menos tempo a brincar com os seus filhos, os mesmos eram menos responsivos às suas dicas e tinham tendência a ter temperamentos mais difíceis. Note-se que, as mães que perceberam os seus filhos com um temperamento mais fácil indicaram ter interações mais positivas com os mesmos. As percepções das mães relativamente ao temperamento dos filhos podem influenciar a forma como interagem com eles, talvez até ao ponto de os negligenciarem ou não.

Foi encontrada uma relação entre o temperamento infantil e o stress parental, por Coplan e colaboradores (2003), num estudo em que as mães dos bebés com temperamentos considerados difíceis relatavam mais problemas nas práticas parentais, sendo que o temperamento da criança afetava o stress parental e o stress parental afetava o temperamento da criança. Belsky (1984) evidenciou que o temperamento é um componente que influencia o processo de parentalidade, em que as características de temperamento das crianças, podem estar relacionadas com o tipo de parentalidade que as mesmas experimentam. Neste sentido, indicaram que as crianças são particularmente suscetíveis e influenciadas pela qualidade do estilo parental. Crianças com temperamento difícil (emocionalidade negativa, baixa adaptabilidade e baixos níveis de regulação) sofrem com uma paternidade dura ou com pouco suporte, pois demonstraram mais comportamentos negativos do que as crianças com temperamentos menos difíceis. (Belsky et., al 2007). Neste sentido, Lengua e Wachs (2012), evidenciou que é necessário ter atenção à interação e aos relacionamentos iniciais das crianças com os seus cuidadores, uma vez que, quando a criança é exposta a um ambiente negativo, de rejeição, com pais indiferentes e severos, e é portadora de um temperamento difícil há um risco considerável para uma ampla gama de problemas comportamentais como uma Perturbação de conduta ou agressão, e oposição. Por sua vez, uma parentalidade afetuosa e responsiva pode efetivamente compensar esses riscos (Bates & Pettit, 2007; Bates et., al 1998; Belsky et., 1998; Bradley & Corwyn, 2008; Gilliom & Shaw, 2004; Kim & Kochanska, 2012; Lerner et., 1989; Mesman et al., 2009; Stright et., al 2008; Thomas & Chess, 1977).

Neste sentido, o risco parece moldar ou modificar o desenvolvimento e a expressão do temperamento infantil, particularmente nas crianças pequenas, podendo subsequentemente aumentar o desajustamento das crianças. Dessa maneira, as diferenças individuais nas dimensões do temperamento conseguem clarificar, pelo menos em parte, a relação entre risco e o ajustamento. Portanto, a exposição ao risco pode delinear a natureza e o curso do temperamento levando a taxas mais altas de comportamento problemático. Cada criança é diferente, daí ser natural que as suas diferenças individuais moderem o efeito do risco contextual no seu ajustamento, sendo que certas características das crianças vão atenuar ou

exacerbar o impacto deste risco contextual, ou seja, por exemplo as crianças com um baixo controlo de esforço que se encontram em contextos de risco elevado apresentam um baixo ajustamento, porém aquelas que detêm um elevado controlo da sua eficiência demonstram ajustamento semelhante às crianças que vivem em contextos de baixo risco (Flouri et., al 2014; Lengua, 2002).

Assim, a literatura indica o temperamento parece estar associado a algumas variáveis sociodemográficas, como o rendimento familiar, o número de pessoas no agregado familiar, e a desorganização do espaço em que vivem. Além disso, a literatura demonstrou-nos também que a forma como os pais agem com os seus filhos influencia o seu temperamento, e também os seus comportamentos. Para terminar nunca nos podemos esquecer que cada criança é uma criança, com características diferentes das outras, sendo que mesmo em contextos de risco elevadíssimo algumas crianças podem não revelar um temperamento difícil ou vice-versa, dado que existem várias características que influenciam o temperamento para além do contexto de risco, como as características e práticas parentais.

1.5 Temperamento e Genética

Várias teorias procuram compreender o temperamento infantil, e a maioria concorda que o temperamento está associado a diferenças individuais estáveis, aparecendo de forma precoce. Neste sentido, após o nascimento as crianças apresentam variação em dimensões comportamentais consideradas temperamentais, como a emocionalidade, nível de atividade, atenção/ persistência, sociabilidade e reatividade. Exemplificando, algumas crianças choram intensamente com mais facilidade, enquanto outras são mais tranquilas. Algumas crianças são altamente reativas, em constante movimento e outras são menos reativas e ativas. São essas diferenças individuais e variações que são o principal interesse de quem se dedica ao estudo dos genes e a sua relação com o temperamento.

Estudos com gémeos encontraram influências genéticas importantes no temperamento infantil ao longo dos anos na criança. Influências genéticas explicam cerca de 50% a 65% do temperamento desinibido em bebés de 14 a 24 meses. (Robinson et., al 1992). Saudino (2005) corroborou que o temperamento *é explicado por influências genéticas em cerca de 20% a 60% da variação das dimensões do temperamento da criança com a restante variedade associada ao ambiente.* Note-se que, existe um marcador genético em particular que se

distingue dos outros por evidenciar uma forte relação com o temperamento, e esse marcador designa-se por 5-HTTLPR, tal como evidencia o texto abaixo.

O 5-HTTLPR é uma região promotora do gene transportador de serotonina, com variantes alélicas curtas que são habitualmente representadas por S (com 14 repetições) e longas, representadas por L (com 16 repetições). O alelo S encontra-se associado à redução da eficiência transcricional, expressão e função do transportador de serotonina (Lesh & Schmitt, 2002). O alelo S está associado à hiper-reatividade da amígdala. Nos seres humanos, o polimorfismo afeta a amígdala, uma estrutura subcortical rica em serotonina que se relaciona com a emoção, processos de regulação e medo (LeDoux, 2000). Este polimorfismo influencia a função do resultado da proteína transportadora, em que se verificou que os indivíduos com variante S têm pior captação de serotonina e níveis superiores de serotonina sináptica (Lesh et al., 1995).

Os primeiros estudos de associação entre o 5-HTTLPR e o temperamento mostraram que o 5-HTTLPR se associa não apenas a traços de personalidade do adulto mas também ao temperamento de crianças às duas semanas e aos dois meses de idade (Auerbach, et., al 1999). A investigação demonstrou uma associação negativa significativa com a orientação (a orientação diz respeito a um conjunto de comportamentos de alerta e orientação visual e auditiva nos bebés, semelhante à procura de novidade no adulto) e organização motora neonatal (medida pelo Neonatal Behavioral Assessment Scale -NBAS) às 2 semanas e a emocionalidade negativa aos 2 meses de idade. As crianças com alelos curtos (s/s) 5-HTTLPR apresentavam resultados mais elevados de Emocionalidade negativa e de distress do que as crianças com genótipos I/s ou I/I. Estes resultados suportam outros estudos que avaliaram longitudinalmente a associação do temperamento neonatal e subsequente ao longo do 1º ano.

O evitamento (*harm avoidance*) enquanto traço de temperamento e a timidez podem ser fatores de risco para o desenvolvimento de perturbações da ansiedade na infância e na adolescência e têm sido associadas ao polimorfismo 5-HTTLPR. O número de alelos longos 5-HTTLPR está inversamente associado com o comportamento prosocial e positivamente associado com a negatividade emocional (Brammer & Lee, 2013).

Concluindo, parece existir uma associação entre o temperamento e os marcadores genéticos, sendo que deixo esta temática como sugestão para a realização de um estudo futuro, uma vez que, é um tema que ainda não foi muito investigado e pode ajudar a comunidade científica a compreender melhor o temperamentos, as suas especificidades e relações com o ambiente.

2. Estudo Empírico

Projeto ReunirMais

A presente dissertação insere-se num projeto de investigação mais vasto designado de REUNIRmais (Canário et al., 2020). Este projeto de investigação foi desenvolvido na Faculdade de Psicologia e de Ciência de Educação, financiado pela Fundação para a ciência e a tecnologia (PTDC/SOC-ASO/31727/2017). O objetivo principal é avaliar a eficácia da intervenção parental *Standard Triple P*, numa amostra de famílias seguidas pela CPCJ do distrito do Porto. Um dos objetivos do projeto traduz-se em caraterizar as famílias seguidas pelas CPCJ (os pais e as crianças), descrevendo-as através de variáveis sociodemográficas e psicológicas.

Presente estudo

O presente estudo contribuirá para um melhor conhecimento da população a quem a intervenção se vai dirigir, bem como para a exploração das relações entre variáveis sociodemográficas e ambientais e o temperamento das crianças.

O presente estudo pretende avaliar o temperamento de crianças entre os 6 e os 11 anos que se encontram em situação de risco e estão sinalizadas pela CPCJ e sua relação com características das respetivas famílias.

Especificamente, são objetivos deste estudo:

- 1) Avaliar o efeito de caraterísticas da família nas variáveis de temperamento da criança (reatividade negativa, persistência na tarefa, sociabilidade e atividade; temperamento difícil ; inibição).
- 2) Avaliar o efeito do motivo de sinalização e de sinalizações anteriores nas variáveis de temperamento da criança.
- 3) Avaliar o efeito de interação entre o sexo/ faixa etária da criança e as variáveis motivo de sinalização e sinalizações anteriores nas variáveis do temperamento da criança.

Método

2.1. Participantes

As CPCJ do distrito do Porto selecionaram possíveis participantes para integrarem no projeto REUNIRmais, tendo em conta um conjunto de critérios de inclusão e exclusão definidos pela equipa responsável pelo projeto(Catarina et al., 2020).Os critérios de inclusão são: (i) famílias com medida aplicada de apoio junto dos pais, podendo incluir situações de preservação familiar ou de reunificação familiar, sendo que, no caso da reunificação familiar, a criança já deve ter regressado ao agregado; (ii) crianças com idade entre os 6 e os 12 anos; e (iii) os pais devem apresentar disponibilidade para frequentar um programa de intervenção com duração de 10 semanas (Standard Triple P). Como critérios de exclusão foram definidos: (i) a presença de uma perturbação de desenvolvimento ou incapacidade intelectual severa na criança e/ou nos pais a participar no estudo; (ii) uma perturbação mental severa na criança e/ou nos pais a participar no estudo; (iii) O pai/a mãe está a receber, ou recebeu no ultimo ano, tratamento devido a problemas de toxicodependência/alcoolismo; e (iv) a criança ou pai/mãe apresentam incapacidade para perceber português. . A participação dos pais foi voluntária, tendo sido obtido o consentimento informado após uma reunião presencial com um elemento do projeto em que lhe foi explicado o objetivo do projeto, aquilo que seria de esperar enquanto participantes, e esclarecidas todas as suas dúvidas sobre o projeto.

Tabela 1. Caraterização da população amostral

Caraterísticas da amostra	Total N= 107	%
Avaliação dos participantes		
Antes da Pandemia		81%
Durante da Pandemia		19%
Sexo da Criança		
Masculino		61%
Feminino		39%
Escolaridade da Criança		
Ensino pré escolar		3%
1º ciclo		65%
2º ciclo		30%
Relação com a criança		
Mãe Biológica		91%
Pai Biológico		8%
Padrasto		1%
Madrasta		1%
Estado Civil do Adulto		
Casado		16%
Separado		5%
União de Facto		29%
Solteiro		26%
Divorciado		21%
Viúvo		4%
Posição da Criança na Fratria		
1		30%
2		30%
3		17%
4		3%
5		2%
6		2%
Estatuto de Ocupação		
Empregado		41%
Desempregado		51%
Outros (estudante, reformado, doméstico, baixa médica, outro)		10%

Problema de Saúde: Criança

Défice de Audição/Visão	34%
Problemas Comportamentais	55%
Problemas Emocionais	36%

**Criança: Apoio psicológico
(Frequência)**

Psicólogo Escolar	24%
Psicólogo na ACES/ HOSPITAL	9%
Psicólogo Privado	11%

Adulto: Apoio Psicológico (Frequência)

Psicólogo na ACES/ HOSPITAL	5%
Psicólogo Clínica Privada	6%

Criança: Pedopsiquiatria 24%

Adulto: Psiquiatria 54%

Medicação: Crianças

Benzodiazepinas	7%
Estimulantes do Sistema Nervoso Central (Défice de atenção e hiperatividade)	8%
Antipsicóticos Atípicos	11%
Anti histamínicos (Patologia Respiratória Crónica)	5%
Outro	2%

Medicação: Adulto	
Benzodiazepinas	32%
Estabilizadores de Humor	4%
Antiepiléticos	2%
Outras doenças	22%
Percepção dos Adultos sobre a capacidade da criança estar concentrada/ atenta nas aulas	
Positiva	65%
Negativa	31%
Motivo de Sinalização	
Negligência	38%
Exposição à Violência	25%
Comportamentos Disruptivos	22%
Outros (mau trato físico, exposição a comportamentos de risco, toxicodependência, absentismo escolar)	11%
Sinalizações Anteriores	42.1%

A amostra do presente estudo diz respeito aos participantes do projeto REUNIRmais recrutados e avaliados entre Novembro de 2019 e Dezembro de 2020 . Como apresentado na tabela 1 são sobretudo de mães biológicas, desempregadas que iniciaram a participação no projeto antes da pandemia do COVID-19. Cerca de metade das mães é seguida em consulta de psiquiatria cerca de um terço toma regularmente benzodiazepinas. As mães foram as principais informantes no presente estudo (90%). Em média, o respondente do presente estudo tem cerca de 36 anos , e o 7º ano de escolaridade. As crianças analisadas no presente estudo têm em média 9 anos.

A tipologia familiar mais comum é a monoparental e o número médio de pessoas por agregado incluindo a criança é de 4,24 pessoas e o número médio de filhos por família é de 2,7.. A maioria das famílias são seguidas pela CPCJ por negligência ou exposição à violência doméstica, sendo que 42% das crianças já teve medidas de promoção e proteção prévias.

As crianças são maioritariamente do sexo masculino e frequentam o ensino primário (65%), enquanto as restantes crianças frequentam o ensino básico (30%) e o ensino pré primário, sendo a maioria primeiros ou segundos filhos. Apresentam sobretudo problemas de comportamento, sendo que há crianças seguidas em consulta de psicologia, bem como de pedopsiquiatria. O consumo de benzodiazepinas e de medicação para a problemática de hiperatividade e défice de atenção são também identificados nas crianças. (colocar dados descritivos).

2.2 Variáveis e Instrumentos

1. Caraterísticas da Família

Com o intuito de se avaliar e caraterizar as famílias utilizou-se um Questionário Sociodemográfico. Trata-se de um questionário desenvolvido no âmbito do projeto mais vasto em que se insere esta dissertação. O questionário de caraterização familiar é respondido pelos pais das crianças e tem como objetivo recolher informações sociodemográficas da criança e da sua família (nomeadamente, o sexo, idade da criança, ano de escolaridade da criança e/ou dos pais, estado civil dos pais). Além disso, inclui questões relacionadas com as dinâmicas familiares (o número de pessoas que passa mais tempo com a criança, a frequência de contacto com a criança etc), bem como questões ligadas a recursos de saúde como (os medicamentos que a criança tomou nos últimos 3 meses, que tipo de contacto teve com diferentes profissionais de saúde etc.), sociais, bem como as expectativas para o acompanhamento ao longo do processo de intervenção familiar.

2. Temperamento

Foram avaliados vários componentes do temperamento, através de três instrumentos.

O *School-Age Temperament Inventory* (McClowry, 1995). The development of the School-Age Temperament Inventory. Merrill Palmer Quarterly, 41(3), 271-285.) é um questionário destinado a pais ou cuidadores de crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 11 anos de idade. É composto por 38 itens avaliados numa escala do tipo Likert cujas opções de resposta vão de 1 (nunca) a 5 (sempre), destinados a avaliar quatro dimensões: reatividade negativa (negative reactivity), persistência de tarefa (task persistence), sociabilidade (approach/ withdrawal) e nível de atividade (activity). Esta escala demora cerca de 10 minutos a ser preenchida e deverá ser preenchida pelo pai, mãe ou cuidador da criança que está a ser avaliada e a sua cotação é obtida para cada uma das dimensões avaliadas, através da soma total das respostas dividida depois pelo respetivo número de itens. Através destes resultados parciais para cada uma das quatro dimensões, torna-se possível obter um perfil de temperamento da criança. Foi desenvolvida uma versão portuguesa (Lima et., al 2010) que conserva a estrutura factorial e uma igual distribuição dos itens pelas quatro dimensões do temperamento. A dimensão da Reatividade negativa, traduz a intensidade e a frequência com que a crianças mostra reações afetivas negativas, como o choro, gritos, expressões de frustração e de fúria. Resultados mais elevados na dimensão da reatividade negativa indicam

piores resultado. A dimensão da Persistência na tarefa, evidencia o estado de orientação para a tarefa da criança. A dimensão da Sociabilidade, relata as respostas sociais da criança, nomeadamente as suas respostas iniciais assim que é confrontada com situações ou pessoas não familiares. Resultados mais elevados na dimensão da Persistência da tarefa e na Sociabilidade correspondem a resultados mais positivos. Por fim, a dimensão da Atividade, demonstra a forma como a criança manifesta sua tendência para a atividade motora, isto é, a atividade associa-se à agitação motora da criança. Resultados mais elevados na dimensão da atividade, significam piores resultados. A interpretação dos fatores é semelhante à proposta pela autora da escala original, sendo possível afirmar que o temperamento nestas idades comporta quatro dimensões distintas. A versão portuguesa deste inventário evidencia *ser um instrumento com boas qualidades psicométricas*, tendo valor de alfa cronbach de .87 para diferentes subescalas que demonstram que estamos perante um instrumento fidedigno. Constaram-se níveis de boa consistência interna também no presente estudo, isto é, os valores da consistência interna dos fatores do SATI oscilaram entre .70 (atividade) e .90 (reatividade negativa).

3. Índice de Stress Parental- Versão Reduzida

Utilizou-se o *índice de Stress parental* (PSI; Abidin, 1995, versão portuguesa de Santos, 2008), que para além de avaliar o stress parental, realiza o despiste de crianças em risco de desenvolverem problemas emocionais e comportamentais (Abidin, 1995; Santos, 2008). Este instrumento é constituído por 2 versões, uma versão completa (Abidin & Santos, 2003) e uma versão reduzida (e.g., Santos, 2008), sendo a última a utilizada na presente dissertação. Neste sentido, a versão reduzida é composta por 36 itens, com uma escala de resposta de 5 pontos que varia de 1 (“Discordo Completamente”) e 5 (“Concordo Completamente”). Os itens são distribuídos por três subescalas distintas que remetem à dimensão da criança (“criança difícil”), à dimensão dos pais (“Dificuldades parentais”), e por fim à interação parental-criança (“Interação disfuncional Mãe/pai- criança”). Relativamente à sua pontuação o instrumento indica-nos uma escala total (o nível global de stress experienciado), e os resultados das subescalas referidas em cima, sendo que quanto mais elevados forem os resultados mais elevado é o nível de stress parental. Mais concretamente, nas subescalas do Índice de Stress Parental, resultados mais elevados indicam uma menor perceção de mal-estar parental, menor

percepção de temperamento difícil, e menor percepção de stress parental, (falta interação disfuncional). Por sua vez, os resultados mais baixos, indicam um maior percepção de mal-estar, maior percepção de temperamento difícil e maior percepção de stress parental. Em relação à escala total, o valor mais elevado de stress parental é ditado por resultados mais baixos e um menor stress parental por resultados mais altos.

A versão reduzida do Índice de Stress Parental apresenta uma *boa consistência interna*, com o coeficiente de alpha cronbach de .71 para a subescala da criança, .82 para a subescala dos pais, .77 para a interação com os pais e .89 no resultado total (Santos, 2008). A adaptação portuguesa do PSI apresenta uma boa consistência interna quer ao nível do resultado Total (com um coeficiente alpha de Cronbach de .94), quer ao nível dos Domínios da Criança e dos Pais (com valores dos coeficientes alpha de Cronbach de .89 e .91, respectivamente) (Cruz, 2010). Constaram-se níveis de boa consistência interna também no presente estudo, com valores de alfa de Cronbach de .92.

4.NEPSY-Inibição

A Nepsy II é uma bateria neuropsicológica que avalia as capacidades neurocognitivas em crianças e adolescentes consiste numa bateria de testes bastante flexível, uma vez que, permite a administração de subtestes específicos, grupos de subtestes ou a aplicação da bateria inteira. É constituída por 32 subescalas que se dividem em 5 domínios- Atenção e funcionamento executivo, linguagem, memória e aprendizagem, sensoriomotor, percepção social e processamento visuoespacial.

Nesta dissertação apenas utilizamos a subescala da inibição pertencente ao domínio da Atenção e funcionamento executivo. A *subescala da Inibição* pode ser aplicada a crianças entre os 5 e os 16 anos. Esta subescala tem como objetivo avaliar a capacidade de inibição de respostas automáticas mediante novas respostas, bem como a capacidade de alternar entre tipos de resposta distintos. A criança deve olhar para uma série de formas em cor preta e branca, setas ou nomes, com forma ou direção alternativa, dependendo da cor, da forma ou da seta. Note-se que existem 3 condições diferentes a nomeação (naming), inibição(inhibition) e comutação (switching). Na nomeação a criança deverá identificar formas geométrica indicando ,de acordo com a ordem em que surgiram. Na tarefa de inibição a criança deverá nomear as figuras geométricas de acordo com o critério de inversão (quadrado/ circulo). Na terceira e última etapa, que apenas pode ser realizada para crianças a partir dos 7 anos, a criança devera nomear a partir de duas regras simultâneas, invertendo a forma ou nomeando a forma

corretamente. Relativamente à sua cotação, é contabilizado o total de erros dados pela criança, através da soma dos erros não corrigidos(quando a criança fornece uma resposta incorreta ou passa uma forma ou seta) e erros autocorrigidos(ocorre quando a criança fornece uma resposta incorreta ou passa uma forma ou seta, porém corrige a resposta incorreta) para cada condição (nomeação, inibição e comutação). Para efeitos do presente trabalho será usada a pontuação escalada da prova de inibição que considera um resultado do total de erros considerando o tempo de execução da prova e a idade da criança.

2.4 Procedimento

A presente dissertação insere num projeto mais vasto (Projeto REUNIRmais),em que os participantes, após o recrutamento são divididos em duas condições, sendo que uns recebem a intervenção Standard Triple P, e outros recebem intervenção habitual (condição controlo). O projeto REUNIRmais tem 4 momentos de avaliação (início do estudo e três, seis e nove meses depois).Esta dissertação analise alguns dos dados recolhidos no primeiro momento de avaliação num estudo transversal, de natureza descritiva e correlacional. Os dados foram recolhidos presencialmente com as famílias, em CPCJ dos 18 concelhos do distrito do Porto. A avaliação dos pais e das crianças foi feita no mesmo local e no mesmo horário, por membros da equipa de investigação, em salas independentes. A administração do protocolo de investigação durou cerca de 90 minutos.

3. Resultados

Para a realização deste estudo foram utilizados 107 famílias, sendo que 93 famílias que 93 famílias preencheram todas as medidas de avaliação, 3 famílias realizaram apenas o SATI, 3 famílias não participaram em nenhum dos instrumentos, preenchendo apenas os dados sociodemográficos, 5 famílias preencheram o SATI, ISP, porém o teste da inibição não pôde ser contabilizado uma vez que, o resultado alcançado pela criança foi inferior ao desejado para ser considerado. Por fim, temos a participação de 3 famílias com o momento 1 incompleto, em que ocorreu o preenchimento de todos os instrumentos à exceção do ISP.

Com o objetivo de responder aos objetivos a que este estudo se propõe foram realizados vários procedimentos estatísticos de análise de dados, através da utilização do software de análise estatística IBM SPSS(versão 26).

As análises estatísticas realizadas para além das estatísticas descritivas que têm como objetivo caracterizar a população do estudo, foram realizadas Anovas unifatoriais, testes t e Anovas Bi- fatoriais.

Com o objetivo de caracterizar o temperamento das crianças em relação à tipologia familiar, e ao motivo da sinalização, realizaram-se diferentes análises de variância (ANOVA) unifatorial .Para analisar a relação entre as sinalizações anteriores e o temperamento realizaram-se Test t para amostras independentes.

Por último, realizaram-se análises de variância (ANOVA) Bi-fatoriais, para analisar o efeito de interação entre o sexo e a faixa etária , o motivo de sinalização e sinalizações anteriores, nas variáveis relacionadas com o temperamento da criança. Todos os modelos foram realizados independentemente e integraram como variáveis dependentes as subescalas do SATI, a subescala do ISP sobre temperamento difícil, e o total de erros escalado da prova de inibição da NEPSY-II.

1) Avaliar o efeito de características da família nas variáveis de temperamento da criança (reatividade negativa, persistência na tarefa, sociabilidade e atividade; temperamento difícil ; inibição).

Os resultados das análises que permitiram caracterizar o temperamento da criança em função da tipologia familiar encontram-se na Tabela 2. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o temperamento das crianças com diferentes tipologias familiares, permitindo concluir que o temperamento da criança não varia em função da tipologia familiar.

Tabela 2. *Caraterização do temperamento das crianças em função da tipologia familiar: Média, Desvio Padrão e resultado das ANOVA unifatoriais.*

Tipologia Familiar	Famílias Originais	Família Reconstituída	Família Monoparental	S/ coabitação	Outra
VD	M (DP)	M (DP)	M(DP)	M(DP)	$f(d1, d2)$
Reatividade Negativa	3.27(0.76)	3.22(0.69)	3.22(0.98)	3.50(0.58)	0.23(4,99)
Persistência na Tarefa	3.23(0.79)	3.20(0.65)	3.34(0.87)	3.16(1.12)	0.31(4,99)
Sociabilidade	3.38(0.70)	3.55(0.79)	3.70(0.81)	3.38(0.72)	0.73(4,99)
Atividade	3.08(1.00)	3.00(0.86)	2.71(0.87)	3.04(0.72)	0.79(4,99)
Temperamento Difícil	3.23(0.86)	3.48(0.87)	3.24(0.93)	3.19(1.38)	0.45(4,92)
Inibição (Erros escalados)	5.54(3.66)	6.05(3.46)	5.65(3.42)	5.00(4.12)	0.48(4,90)

*p <0.05, **p<0.01, ***p<0.001

2) Avaliar o efeito do motivo de sinalização e de sinalizações anteriores nas variáveis de temperamento da criança.

Na tabela 3 é apresentada a caraterização do temperamento em função do motivo da sinalização. Os resultados demonstram diferenças estatisticamente da subescala de atividade do SATI, $F(3,98)= 4.56, p= .006$, e da subescala de temperamento difícil do ISP, de acordo com os motivos de sinalização, $F(3,91)= 3.56, p= 0.02$. Os pais das crianças sinalizadas por negligência e por exposição à violência doméstica identificam os seus filhos como menos ativos do que os pais das crianças sinalizadas por comportamento disruptivo. Os pais das crianças sinalizadas por negligência identificam os seus filhos como menos difíceis do que os pais das crianças sinalizadas por exposição à violência doméstica e por comportamentos disruptivos.

Tabela 3.

Caraterização do temperamento das crianças em função do Motivo de sinalização: Média, Desvio Padrão e Diferenças de média.

Motivo da Sinalização	Negligência	Exposição à violência doméstica	Comportamentos Disruptivos	Outros	$f(df1,df2)$
VD	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	$f(df1,df2)$
Reatividade Negativa	3.12(0.78)	3.20(0.80)	3.25(0.91)	3.73(0.71)	1.82(3,98)
Persistência na Tarefa	3.34(0.82)	3.33(0.72)	3.25(0.87)	3.02(0.84)	0.52(3,98)
Sociabilidade	3.65(0.75)	3.27(0.86)	3.78(0.76)	3.42(0.66)	2.21(3,98)
Atividade	2.70(0.73)*	2.73(0.92)*	3.46(0.99)	3.13(0.83)	4.56(3,98)
Temperamento Dificil	3.54(0.90)*	3.30(0.75)	3.35(0.94)	2.60(0.89)	3.56(3,91)
Inibição (erros escalados)	6.19(4.23)	5.92(3.35)	5.33(3.34)	5.73(4.13)	0.23(3,91)

*p <0.05, **p<0.01, ***p<

0.001

A tabela 4 apresenta os testes de diferenças de médias para as variáveis do temperamento de acordo com a existência ou não de sinalizações anteriores. Foi identificado o efeito das sinalizações anteriores na subescala temperamento difícil do ISP, $t(75)=3.83$, $p=0.05$, demonstrando que os pais que apresentam sinalizações anteriores percebem os seus filhos como mais difíceis.

Tabela 4. Caracterização do temperamento das crianças em função do histórico de sinalizações anteriores: Média, Desvio Padrão e Diferenças de Média.

Sinalizações Anteriores	Sim	Não	
VD	M(DP)	M (DP)	t(df)
Reatividade Negativa	3.22(0.78)	3.21(0.80)	0.09(81)
Persistência na Tarefa	3.16(0.84)	3.41(0.73)	0.41(81)
Sociabilidade	3.51(0.71)	3.51(0.80)	0.77(81)
Atividade	2.91(0.99)	2.80(0.76)	3.06(81)
Temperamento Difícil	3.34(0.81)	3.23(1.06)	3.83(75)*
Inibição (Erros Escalados)	5.51 (3.81)	5.81(3.46)	0.42(72)

*p <0.05, **p<0.01, ***p<0.001

3) Avaliar o efeito de interação entre o sexo/ faixa etária da criança e as variáveis motivo de sinalização e sinalizações anteriores nas variáveis do temperamento da criança.

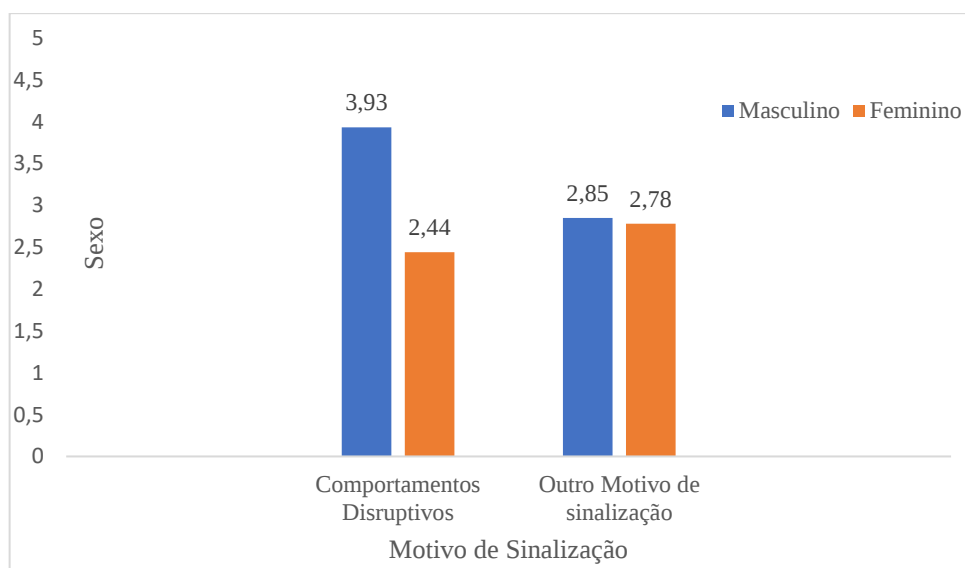


Figura 1. Diferenças de média de efeito de interação entre o sexo da criança e o motivo de sinalização na variável do temperamento atividade

Não se verificou um efeito multivariado de interação entre o sexo da criança e o motivo de sinalização (negligencia vs outros motivos) nas variáveis de temperamento da criança , $Wilks' Lambda = .93, F(6,81) = 1.09, p = .37$ ou entre a faixa etária da criança e os mesmos motivos de sinalização $Wilks' Lambda = .91, F(6,81) = 1.27, p = .28$. No entanto, verificou-se um efeito multivariado marginalmente significativo da interação entre o sexo da criança e o motivo da sinalização (comportamento disruptivo vs outros), $Wilks' Lambda = .86, F(6,81) = 2.12, p = .06$ (figura 1). O teste de efeitos intersujeitos mostra que as crianças do sexo masculino sinalizadas por comportamento disruptivo ($M = 3.93, DP = 0.81$) têm valores mais elevados de atividade do que as crianças do sexo feminino sinalizadas pelo mesmo motivo ($M = 2.44, DP = 0.74$), e as crianças do sexo masculino ($M = 2.83, DP = 0.92$) e feminino ($M = 2.78, DP = 0.64$) sinalizadas por motivos diferentes, $F = 1,86 = 11.85, p < .001$. Não se verificou um efeito multivariado da interação entre a faixa etária e o motivo de sinalização (comportamento disruptivo vs outros) $Wilks' Lambda = .97, F(6,81) = 0.19, p = .98$.

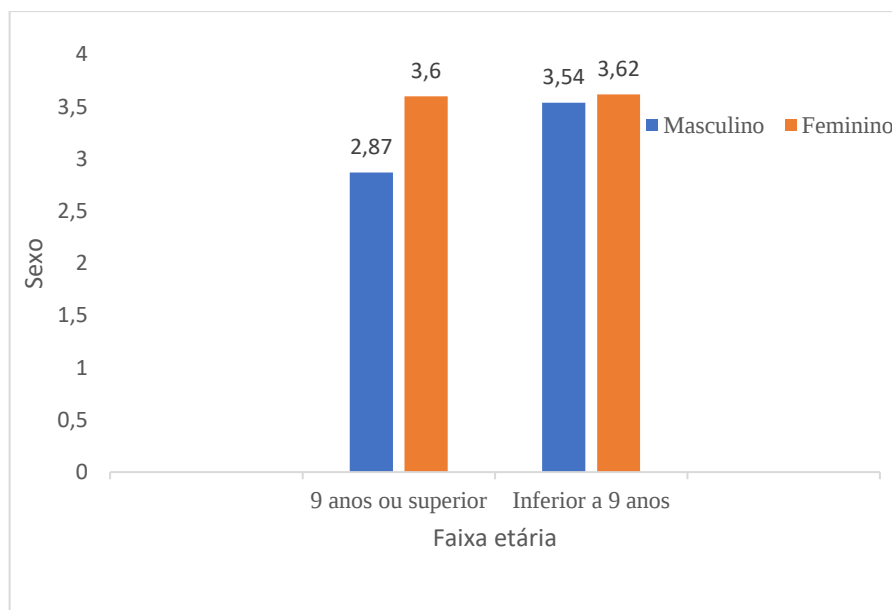


Figura 2. Diferenças de médias de efeito de interação entre o sexo da criança e a faixa etária na variável de temperamento Índice de Stress Parental

Os resultados permitem ainda identificar um efeito multivariado de interação entre a faixa etária da criança (8 anos ou menos/9 anos ou mais) e o sexo $Wilks' Lambda = .85, F(6,84) = 2.50, p = .03$. O teste de efeitos intersujeitos apresenta um efeito univariado da interação marginalmente significativo para o temperamento difícil da criança, $F(1,81) = 3.31, p = .07$ e

um efeito univariado significativo para a inibição $F(1,89)= 7.37, p= .01$. Os pais de crianças do sexo masculino com 9 ou mais anos($M=2.87, DP=1.01$) apresentam maior percepção de temperamento difícil a respeito dos seus filhos do que os pais de crianças do sexo feminino da mesma faixa etária ($M= 3.60, DP= 0.62$) e do que crianças do sexo masculino ($M= 3.54, DP= 0.73$) e feminino ($M= 3.62, DP= 0.82$) da faixa etária inferior (figura 2.).

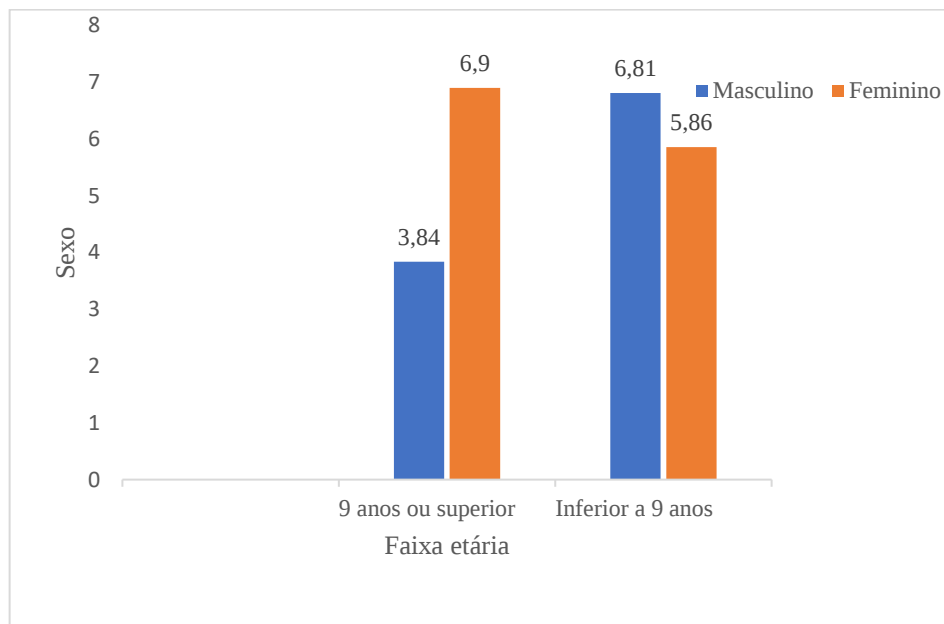


Figura 3. *Diferenças de médias de efeito de interação entre o sexo da criança e a faixa etária na variável de temperamento Inibição.*

As crianças do sexo masculino com 9 anos ou mais de idade ($M= 3.84, DP= 2.88$) apresentam pior desempenho na prova de inibição do que as crianças do sexo feminino ($M=6.90, DP=3.24$) e do que as crianças do sexo masculino ($M= 6.81, DP=3.66$) e feminino ($M= 5.86, DP= 4.22$) da faixa etária inferior (figura 3). Não se verificou um efeito de interação multivariado de interação entre as sinalizações prévias e a faixa etária da criança Wilks/Lambda=.92, $F(6,63)= 0.96, p= .46$, ou com o sexo da criança Wilks/Lambda=.91, $F(6,63)= 1.01, p= .43$.

4. Discussão

O presente estudo utilizou uma amostra de 107 participantes, maioritariamente do sexo masculino(61%), com a finalidade de avaliar o efeito de caraterísticas da família nas variáveis de temperamento da criança (reatividade negativa, persistência na tarefa, sociabilidade e atividade; temperamento difícil ; inibição), avaliar o efeito do motivo de sinalização e de sinalizações anteriores nas variáveis de temperamento da criança e por fim analisar o efeito de interação entre o sexo/ faixa etária da criança e as variáveis motivo de sinalização e sinalizações anteriores nas variáveis do temperamento da criança.

Relativamente à relação entre as variáveis do temperamento da criança e as caraterísticas das famílias constatou-se que, não existem resultados significativos no que concerne ao temperamento das crianças em função da tipologia familiar. Da pesquisa realizada, parece não existir literatura que tenha analisado esta variável com o temperamento e que permita realizar uma comparação. Neste sentido, a explicação para este resultado poderá ser o facto de o temperamento das crianças variar em função das caraterísticas parentais, isto é, a forma como os pais interagem com a criança pode ser um indicador importante e revelador do temperamento, mas concretamente, a tipologia familiar parecer ser pouco significativa nesta temática. Escalona (1968) verificou que as mães mais ansiosas tendem a perder a confiança quando as suas técnicas para acalmar o seu bebé não funcionam, podendo este sentimento de incompetência materna ter consequências a longo prazo para mãe e filho. Esta hipótese foi apoiada por Teti e Gelfand (1991), que concluíram que a auto-eficácia materna mediou uma ligação nas classificações dos bebés como "exigentes e difíceis" e a competência inferior das suas mães. Lengua e Wachs (2012), refere a importância de os pais das crianças prestarem atenção à interação que estabelecem com as mesmas, principalmente se o seu temperamento for caracterizado por uma emocionalidade negativa elevada e por um auto regulação fraca, uma vez que, as crianças portadoras de um temperamento difícil com uma parentalidade severa ou negligente podem desenvolver posteriormente, Perturbações externalizadas como Perturbação de conduta. Caso a criança tenha uma parentalidade positiva esses riscos podem ser compensados (Bates & Pettit, 2007; Bates et., al 1998; Belsky et., al 1998; Bradley & Corwyn, 2008; Gilliom & Shaw, 2004; Kim & Kochanska, 2012; Lerner et., al 1989; Mesman et al., 2009; Stright et., al , 2008; Thomas & Chess, 1977).

Foram encontrados resultados significativos na relação entre o motivo de sinalização e o temperamento. É possível observar que as crianças sinalizadas por negligência parental e por

violência doméstica foram avaliadas pelos seus pais como menos ativos e agitados e por isso com um temperamento menos difícil, do que as crianças sinalizadas por outros motivos. Casanueva e Colaboradores (2010), descobriram um efeito divergente ao do presente estudo. Ao analisarem 1001 mães biológicas de bebés até aos 23 meses investigadas pelos serviços de proteção por maus tratos, descobriram que o motivo de sinalização (Mau trato físico, negligência física, negligência por falta de proteção, ou por outro motivo) não eram significativos, e por isso a percepção das mães em relação ao temperamento dos filhos não estava relacionada ao motivo de sinalização. A explicação possível para este resultado, poderá relacionar-se com o facto de a negligência parental estar relacionada com baixo nível de resposta que os pais prestam ao seu filho, e esse nível de resposta associa-se a um comportamento desatento, de negligência da criança e a uma baixa interação com a mesma (Gafoor & Kurukkan, 2014). Ao estarem menos atentos às necessidades das crianças, e aos seus comportamentos, poderá existir uma tendência de ver os seus filhos como menos agitados exatamente por estarem constantemente alienados das necessidades das suas crianças.

Em relação à percepção de temperamento difícil avaliada pelo índice de stress parental, verificou-se que os pais que apresentam mais sinalizações anteriores consideram que as suas crianças têm um temperamento mais difícil. Vários autores indicaram que existe uma associação entre a disponibilidade psicológica parental e o ajustamento e práticas parentais. (Shapiro & Browne, 2016; Sturge-Apple et al., 2019; Taraban, & Shaw, 2018; Teti & Candelaria, 2002). Tanto a depressão como a ansiedade são associados a níveis baixos de competência parental (Beck, 1996; Cummings & Davies, 1994; Edhborg et al., 2000; Whiffen, 1990) e foram associados a um temperamento difícil das suas crianças (Thomas et al., 1963). Sintomas de ansiedade e stress comprometem muitas vezes o comportamento e as práticas parentais, e têm um enorme impacto nas habilidades parentais que se traduzem em falta de resposta face às necessidades emocionais da criança, comprometendo o processo de autorregulação emocional (Ribeiro, 2020). Assim, os pais podem ter determinados traços ansiosos ou deprimidos, que associados a escassos apoios sociais e psicológicos que não permitem que tenham acesso a meios como intervenção psicológica e/ ou comunitária, acabam por desenvolver uma análise dos seus filhos como mais temperamentais. Consequentemente terão mais dificuldades em garantir as necessidades das suas crianças e dificuldade em alterar as suas práticas parentais, e isso resulta em várias sinalizações ao longo dos anos.

Ainda, as crianças sinalizadas por comportamentos disruptivos foram consideradas mais ativas do que as crianças sinalizadas por outros motivos. Martel e colaboradores (2012) procuraram analisar a relação entre o temperamento e a Perturbação de Oposição

Desafiante(ODD), pertencente à categoria de diagnóstico das Perturbações Disruptivas do controlo de impulsos e de Comportamento e a Perturbação do Défice de Atenção/Hiperatividade (PDAH). Tal como no presente estudo, encontraram valores significativamente elevados em várias dimensões do temperamento nas crianças que tinham ODD. O afeto negativo foi significativamente associado a sintomas de ODD. Assim, as crianças com comportamentos disruptivos, são caracterizadas por um elevado afeto negativo, e baixos níveis de controlo de esforço em comparação com crianças que não são portadoras desta perturbação (Martel et al., 2012). Neste sentido, encontraram valores elevados de afeto negativo, e valores mais baixos no controlo de esforço em sintomas da Perturbação de Disruptiva do comportamento. A justificação para o resultado do presente estudo é que as crianças com comportamentos disruptivos parecem ter temperamentos mais difíceis, por terem uma menor capacidade de controlo de impulsos e de controlo de esforço, o que as pode tornar mais agitadas e ativas do que as restantes crianças.

Ainda neste tópico, verificou-se uma diferença entre sexos, isto é, os rapazes sinalizados por comportamentos disruptivos são mais ativos do que as raparigas sinalizadas pelo o mesmo motivo. Este resultado vai ao encontro do trabalho de Lima e Colaboradores (2010) em que os rapazes também revelaram maior atividade do que as raparigas. Thomas e Chess (1997,1980), Buss e Plomin (1975) e Rothbarth (1981) também encontraram resultados semelhantes, em que as raparigas apresentavam maior controlo de esforço do que os rapazes, enquanto os rapazes demonstraram resultados superiores nas dimensões de atividade e de prazer de alta intensidade do que as meninas. Uma possível explicação para os resultados obtidos pelo presente estudo é que os rapazes e as raparigas tendem a preferir brincar com elementos da mesma faixa etária, e os rapazes costumam realizar atividades de elevada intensidade de agitação, como jogar à bola, e as raparigas, têm tendência a dedicar-se a atividades de menor intensidade como brincar às casinhas. (Maccoby, 1990). Além disso, este resultado pode estar associado aos padrões culturais impostos em relação ao tipo de atividades lúdicas que devem ser realizadas em cada género.

No que concerne à inibição, ao contrário do esperado, verificou-se que as crianças mais velhas obtiveram piores resultados na prova do que as crianças mais novas. Não existem dados que expliquem este facto, uma vez que, se pressupõe que o desenvolvimento inibitório vá evoluindo ao longo do desenvolvimento da criança, e por isso que as crianças mais velhas tenham um maior controlo inibitório do que as mais novas. Neste sentido, é necessário ter em conta que a diferença de idade não é assim tão dispar, que podem existir diferenças individuais, pois, o desempenho de tarefas de inibição exige um exercício associado às funções executivas

que pode ser influenciado pela idade, mas também pela memória de trabalho, raciocínio e inteligência. (Carlson & Moses, 2001).

Para concluir, e de modo sistematizar os resultados obtidos, salientando que estes não podem ser generalizados pois a amostra não é representativa da população, verifica-se que o temperamento das crianças de risco associa-se ao motivo de sinalização, sendo que as crianças sinalizadas por negligência e violência doméstica são as menos ativas e difíceis. Os pais de crianças com sinalizações anteriores identificam os seus filhos como tendo temperamento difícil. Constatou-se também que os rapazes são mais agitados do que as raparigas. Já o desempenho na tarefa da inibição varia em função da idade, revelando que as crianças mais jovens a obterem melhores pontuações do que as crianças mais velhas.

Estes resultados evidenciam que o temperamento das crianças está intrinsecamente ligado a vários componentes (caraterísticas relacionadas com a sinalização , idade, sexo da criança).Esta caraterização do temperamento das crianças com fatores de risco, poderá funcionar como linha orientadora para processos de intervenção com estas famílias, uma vez que, só conhecendo as especificidades e necessidades de estas populações de risco é que será possível intervir de forma eficaz. Existem vários programas de parentalidade que procuram intervir com estas população, nomeadamente o programa standard Triple P que está a ser utilizado no projeto REUNIRmais, que pretende analisar a eficácia junto de famílias sinalizadas pelas comissões de proteção. Este projeto pretende auxiliar as famílias a reduzir o uso de estratégias disciplinar disfuncionais, e reduzir os comportamentos disruptivos das crianças e aumentar o sentido de competência parental (Sanders et al., 2007; Schilling et al., 2020, citado por Ribeiro,2020).

5. Conclusão

O temperamento está relacionado com caraterísticas individuais da criança como o motivo de sinalização e sinalizações anteriores.

É importante realçar que este estudo amplia o leque de informação da literatura, dado que, existem vários estudos que se dedicam a compreender o temperamento, porém são escassos os estudos em Portugal em que se tenha realizado uma caracterização de famílias sinalizadas pelos serviços de proteção. Este estudo é por isso um importante contributo e ponto de partida para outros estudos que pretendem utilizar populações de risco.

No que concerne às mais valias deste estudo, é importante enfatizar que o estudo é constituído por uma amostra sólida de 107 participantes, além disso, é utilizado um indicador neuropsicológico avaliado diretamente com as crianças que nos permitiu extrair resultados interessantes sobre o temperamento. Além disso, o protocolo de avaliação aplicado aos pais das crianças foi realizado por investigadores desconhecidos das famílias, o que permitiu reduzir possíveis enviesamentos de informação.

Em relação às limitações, as medidas de avaliação são de autorrelato e depende exclusivamente da perceção dos pais, não existindo outros informantes. Inicialmente, estava previsto analisar a relação entre o temperamento e o polimorfismo 5-HTTLPR através da análise de amostras saliva dos pais e das crianças. Porém a pandemia de COVID-19 causou atrasos significativos nas análises genéticas realizadas pelos laboratórios e não foi possível introduzir os resultados destas análises no presente estudo.

Em estudos futuros será pertinente analisar a relação entre o temperamento e os marcadores biológicos, dado que a literatura evidencia que existem relações pertinentes e significativas (Robinson et., al 1992; Auerbach, et.al 1999; Brammer & Lee, 2013; LeDoux,2000; Lesh & Schmitt, 2002), e devem incluir outras medidas de relato do temperamento e outros informantes com o objetivo de combater possíveis enviesamentos de estudo.

6. Referências Bibliográficas

- Abidin, R. (1995). Parenting Stress Index (3a ed.). *Psychological Assessment Resources*. <https://doi.org/10.1038/sj.mp.4000531>
- Auerbach, J., Geller, V., Lezer, S., Shinwell, E., Belmaker, R.H., Levine, J. & Ebstein, R.P. (1999) Dopamine D4 receptor (D4DR) and serotonin transporter promoter (5-HTTLPR) polymorphisms in the determination of temperament in 2-month-old infants. *Mol Psychiatry* 4, 369–373. <https://doi.org/10.1038/sj.mp.4000531>
- Bates, J.E., Pettit, G.S., Dodge, K.A., & Ridge, B. (1998). Interaction of temperamental resistance to control and restrictive parenting in the development of externalizing behavior. *Developmental Psychology*, 34, 982–995. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.34.5.982>
- Bates, J.E., & Pettit, G.S. (2007). Temperament, parenting, and socialization. In J.E. Grusec & P.D. Hastings (Eds.), *Handbook of Socialization: Theory and research*, 153– 177. New York: Guilford.
- Beck, C. T. (1996). A meta-analysis of the relationship between postpartum depression and infant temperament. *Nursing Research*, 45, 225–230. <https://doi.org/10.1097/00006199-199607000-00006>
- Beck, C. T. (1999). Maternal depression and child behaviour problems: A meta-analysis. *Journal of Advanced Nursing*, 29(3), 623–629. <https://doi.org/10.1046/j.1365-2648.1999.00943.x>
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55, 83–96. <https://doi.org/10.2307/1129836>

Belsky, J., Hsieh, K.H., & Crnic, K. (1998). Mothering, fathering, and infant negativity as antecedents of boys' externalizing problems and inhibition at age 3 years: Differential susceptibility to rearing experience?, *Development and Psychopathology*, 10, 301–319. <https://doi.org/10.1017/s095457949800162x>

Belsky, J., Bakermans-Kranenburg, M., & van Ijzendoorn, M. (2007). For better and for worse: Differential susceptibility to environmental influences. *Current Directions in Psychological Science*, 16, 300–304. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2007.00525.x>

Bradley, R.H., & Corwyn, R.F. (2008). Infant temperament parenting and externalizing behavior in first grade: A test of the differential susceptibility hypothesis. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49, 124-131. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2007.01829.x>

Brammer, W. A., & Lee, S. S. (2013). Prosociality and negative emotionality mediate the association of serotonin transporter genotype with childhood ADHD and ODD. *Journal of clinical child and adolescent psychology : the official journal for the Society of Clinical Child and Adolescent Psychology, American Psychological Association, Division 53*, 42(6), 809–819. <https://doi.org/10.1080/15374416.2013.840638>

Bush, G., Luu, P., & Posner, M. I. (2000). Cognitive and emotional influences in anterior cingulate cortex. *Trends in cognitive sciences*, 4(6), 215–222. [https://doi.org/10.1016/s1364-6613\(00\)01483-2](https://doi.org/10.1016/s1364-6613(00)01483-2)

Buss, A. & Plomin, R. (1975). A temperament theory of personality development. New York: Wiley.

Campbell S. B. (1979). Mother-infant interaction as a function of maternal ratings of temperament. *Child psychiatry and human development*, 10(2), 67–76. <https://doi.org/10.1007/BF01433498>

Canário, C., Abreu-Lima, I., Lemos, M., Henriques, M., Barbosa-Ducharne, M., Cruz, A., Pacheco, A., Almeida, A., Alonso, I., Ferreira-Santos, F, Nogueira C., & Cruz, O.(2020, Fevereiro). Family reunification success after child institutionalization: Testing the effectiveness of a positive parenting intervention. <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/A53BJ>

Carlson, S. M., & Moses, L. J. (2001). Individual differences in inhibitory control and children's theory of mind. *Child Development*, 72(4), 1032–1053. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00333>

Carranza, J. A., & Salinas, C. G. (2003). Temperamento en la infancia: Aspectos conceptuales básicos. Barcelona: Ariel Psicología.

Casanueva, C.E., Goldman-Fraser, J., Ringeisen, H., Lederman, C., Katz, L., & Osofsky, J. (2010). Maternal Perceptions of Temperament Among Infants and Toddlers Investigated for Maltreatment: Implications for Services Need and Referral. *Journal of Family Violence*, 25, 557-574. <https://doi.org/10.1007/s10896-010-9316-6>

Coplan, R. J., Bowker, A., & Cooper, S. M. (2003). Parenting daily hassles, child temperament, and social adjustment in preschool. *Early Childhood Research Quarterly*, 18, 376–395. [https://doi.org/10.1016/S0885-2006\(03\)00045-0](https://doi.org/10.1016/S0885-2006(03)00045-0)

Corapi, F. (2008). The Role of Child temperament on Head Start preschoolers' social competence in the context of cumulative risk. *Journal of applied Development Psychology*, 29, 1-16. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2007.10.003>

Côté, S. M., Vaillancourt, T., LeBlanc, J. C., Nagin, D. S., & Tremblay, R. E. (2006). The development of physical aggression from toddlerhood to pre-adolescence: a nation wide longitudinal study of Canadian children. *Journal of abnormal child psychology*, 34(1), 71–85. <https://doi.org/10.1007/s10802-005-9001-z>

Cruz, E. (2010). Caracterização do stress parental de mães de crianças com síndrome de down (Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa). Relatório Institucional da Universidade de Lisboa. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/1898/1/ulfp035570_tm.pdf

Cummings, E. M., & Davies, P. T. (1994). Maternal depression and child development. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 35, 73–112. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1994.tb01133.x>

Eisenberg, N., Damon, W., & Lerner, R. M. (Eds.). (2006). *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development* (6th ed.). John Wiley & Sons, Inc.

Edhborg, M., Seimyr, L., Lundh, W., & Widström, A. M. (2000). Fussy child-difficult parenthood? Comparisons between families with a “depressed” mother and non-depressed mother 2 months postpartum. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 18, 225– 238. <https://doi.org/10.1080/713683036>

Escalona, S. A. (1968). *The roots of individuality: Normal patterns of development in infancy*. Chicago: Aldine.

Feng, X., Shaw, D. S., Skuban, E. M., & Lane, T. (2007). Emotional exchange in mother–child dyads: Stability, mutual influence, and associations with maternal depression and child problem behavior. *Journal of Family Psychology*, 21, 714–725. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.21.4.714>

Flouri, E., Midouhas, E., & Joshi, H. (2014). Family poverty and trajectories of children’s emotional and behavioral problems: The moderating roles of selfregulation and verbal cognitive ability. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 42, 1043–1056. <https://doi.org/10.1007/s10802-013-9848-3>

Gafoor, K., & Kurukhan, A., (2014). Construction and validation of scale of parenting style. *Journal of behavioral and social sciences*, 2(4), 315-323.

Gilliom, M., & Shaw, D.S (2004). Codevelopment of externalizing and internalizing problems in early childhood. *Development and psycopathology*, 16, 313-333. [10.1017/s0954579404044530](https://doi.org/10.1017/s0954579404044530)

Goldsmith, H. H.(1996). Studying temperament via construction of the Toddler Behavior Questionnaire. *Child Development*, 67, 218–235. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1996.tb01730.x>

Goldsmith, H., Buss, A., Plomin, R., Rothbart, M., Thomas, A., Chess, S., Hinde, R. A., & McCall, R. B. (1987). Roundtable: What is temperament? Four approaches. *Child Development*, 58(2), 505-529. <https://doi.org/10.2307/1130527>

Goldsmith, H. H., & Campos, J. J. (1990). The structure of temperamental fear and pleasure in infants: a psychometric perspective. *Child development*, 61 (6), 1944-1964. <https://doi.org/10.2307/1130849>

Harrington, D., Black, M. M., Starr, R. H., Jr, & Dubowitz, H. (1998). Child neglect: relation to child temperament and family context. *The American journal of orthopsychiatry*, 68(1), 108–116. <https://doi.org/10.1037/h0080275>

Houldin, A. D. (1987). Infant Temperament and quality of the childrearing environment. *Maternal Child Nursing Journal*, 16, 131-143.

Huijbregts, S. C. J., Séguin, J. R., Zoccolillo, M., Boivin, M., & Tremblay, R. E. (2007). Associations of maternal prenatal smoking with early childhood physical aggression, hyperactivity-impulsivity, and their co-occurrence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 35(2), 203–215. <https://doi.org/10.1007/s10802-006-9073-4>.

Kim, S., & Kochanska, G. (2012). Child Temperament moderates effects of parent-child mutuality on self-regulation: A relationship-based path of emotionally negative infants. *Child Development*, 83, 1275-1289. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2012.01778.x>

Kochanska, G., Murray, K., & Coy, K. C. (1997). Inhibitory control as a contributor to conscience in childhood: from toddler to early school age. *Child Development*, 68(2), 263-277. <https://doi.org/10.2307/1131849>

Korja, R., Savonlahti, E., Ahlqvist-Björkroth, S., Stolt, S., Haataja, L., & Lapinleimu, H.; PIPARI study group. (2008). Maternal depression is associated with mother-infant interaction in preterm infants. *Acta Paediatrica*, 97(6), 724–730. <https://doi.org/10.1111/j.1651-2227.2008.00733.x>

Lahey, B. B., Van Hulle, C. A., Keenan, K., Rathouz, P. J., D'Onofrio, B. M., Rodgers, J. L., & Waldman, I. D. (2008). Temperament and parenting during the first year of life predict future child conduct problems. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 36(8), 1139-1158. <https://doi.org/10.1007/s10802-008-9247-3>

Le Doux, J.E., (2000). Emotion Circuits in the brain. *Annual Review of Neuroscience* 23,155-184. <https://doi.org/10.1146/annurev.neuro.23.1.155>

Lengua L. J. (2002). The contribution of emotionality and self-regulation to the understanding of children's response to multiple risk. *Child development*, 73(1), 144–161. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00397>

Lengua, J.J., & Wachs, T.D. (2012). Temperament and risk: Resilient and vulnerable responses to adversity. In M. Zentner & R. Shiner (Eds.), *Handbook of temperament* (pp. 519–540). NY: Guilford Press.

Lerner, J. V., Nitz, K, Talwar, R., & Lerner, R.M (1989). The the functional significance of temperamental individuality: A development contextual view of the concept of goodness of fit. In G.A Kohnstamm, J.E Bates & M.K. Rothbart (Eds.), *Temperament in childhood* (pp. 509-522). West Sussex: Wiley.

Lesch, K. P., Gross, J., Franzek, E., Wlozin, B. L., Riederer, P., & Murphy, D. L. (1995). Primary structure of the serotonin transporter in unipolar depression and bipolar disorder. *Biological Psychiatry*, 37, 215–223. [https://doi.org/10.1016/0006-3223\(94\)00147-U](https://doi.org/10.1016/0006-3223(94)00147-U)

Lesch, K.P., & Schmitt, A. (2002). Antidepressants and gene expression profiling: how to snare novel drug target. *Journal of Pharmacogenomics* 2, 346-348. <https://doi.org/10.1038/sj.tpj.6500150>

Lima, Lília., Lemos, Marina & Guerra, Marina. (2010). Adaptação do inventário de temperamento para crianças em idade escolar- School-Age Temperament Inventory - SATI de Mcclowry a uma população portuguesa. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 11(1),55-70.http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S164500862010000100005&lng=pt&tlng=pt.

Maccoby, E. E. (1990). Gender and relationships: A developmental account. *American Psychologist*, 45(4), 513–520. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.45.4.513>

Madigan, S., Moran, G., Schuengel, C., Pederson, D. R., & Otten, R. (2007). Unresolved maternal attachment representations, disrupted maternal behavior and disorganized attachment in infancy: links to toddler behavior problems. *Journal of child psychology and psychiatry, and allied disciplines*, 48(10), 1042–1050. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2007.01805.x>

Martel, M. M., Gremillion, M. L., & Roberts, B. (2012). Temperament and Common Disruptive Behavior Problems in Preschool. *Personality and individual differences*, 53(7), 874–879. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2012.07.011>

Martin, M.J., & Walters, J. (1982). Familial correlates of selected types of child abuse and neglect. *Journal of Interpersonal Violence*, 9, 75-94.

Martins, C., & Gaffan, E. A. (2000). Effects of early maternal depression on patterns of infantmother attachment: A meta-analytic investigation. *Journal of Child Psychology and Psychiatry & Allied Disciplines*, 41(6), 737–746. <https://doi.org/10.1111/jcpp.2000.41>.

McClowry, S. G. (1995). The development of the School-Age Temperament Inventory. *Merrill Palmer Quarterly*, 41(3), 271-285.

Mesman, J., Stoel, R., Bakermans- Kranenburg, M.J., van IJzendoorn, M.H., Juffer, F., Koot, H.M., & Alink, L.R.A. (2009). Predicting growth curves of early childhood externalizing

problems: Differential susceptibility of children with difficult temperament. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 37, 625-636. <https://doi.org/10.1007/s10802-009-9298-0>

Milliones, J. (1978). Relationship between perceived child temperament and maternal behaviors. *Child Development*, 49, 1255-1257. <https://doi.org/10.2307/1128773>

Perlman, S. B., & Pelphrey, K. A. (2010). Regulatory brain development: balancing emotion and cognition. *Social neuroscience*, 5(5-6), 533-542. <https://doi.org/10.1080/1747091100368321P>

Posner, M., & Rothbart, M. (2000). Developing mechanisms of self-regulation. *Development and psychopathology*, 12 (3), 427-441. <https://doi.org/10.1017/S0954579400003096>

Putnam, S. P., Ellis, L. K., & Rothbart, M. K. (2001). The structure of temperament from infancy through adolescence. In A. Elias & A. Angleitner (Eds.), *Advances in research on temperament* (pp. 165- 182). Lengerich, Germany: Pabst Science.

Ribeiro, J. (2020). Ajustamento, stresse, sentido de competência e comportamento parental de pais de crianças acompanhadas pelas comissões de proteção de crianças e jovens (Tese de mestrado, Universidade do Porto). Relatório Institucional da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/130692>.

Robinson, J. L., Kagan, J., Reznick, J. S., & Corley, R. (1992). The heritability of inhibited and uninhibited behavior: A twin study. *Developmental Psychology*, 28(6), 1030-1037. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.28.6.1030>

Rothbart, M. K. (1981). Measurement of temperament in infancy. *Child Development*, 52, 569-578. <https://doi.org/10.2307/1129176>

Rothbart, M.K.(1989). Temperament in childhood: A framework. In G.A. Kohnstamm, J. E. Bates, & M.K. Rothbart (eds.), *Temperament in childhood* (pp. 59-73). John Wiley & Sons.

Rothbart, M. K. (2007). Temperament, development, and personality. *Current Directions in Psychological Science*, 16(4), 207–212. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2007.00505.x>

Rothbart, M. K., & Goldsmith, H. H. (1985). Three approaches to the study of infant temperament. *Developmental Review*, 5(3), 237–260. [https://doi.org/10.1016/0273-2297\(85\)90012-7](https://doi.org/10.1016/0273-2297(85)90012-7)

Rothbart, M. K., Ahadi, S. A., & Hershey, K. L. (1994). Temperament and social behavior in childhood. *Merrill-Palmer Quarterly*, 40(1), 21–39.

Rothbart, M. K., & Bates, J. E. (1998). Temperament. In W. Damon (Series Ed.) & N. Eisenberg (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 3. Social, emotional and personality development* (pp. 105-176). New York: Wiley.

Rothbart, MK., Stephan, A., Ahadi, SA., Hershey, KL., Fisher, P. (2001) Investigations of temperament at three to seven years: The Children's Behavior Questionnaire. *Child development* 72(5) 1394-1408. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00355>

Rothbart, M. K., & Hwang, J. (2002). Measuring infant temperament. *Infant Behavior and Development*, 25(1), 113-116. [https://doi.org/10.1016/S0163-6383\(02\)00109-1](https://doi.org/10.1016/S0163-6383(02)00109-1)

Rothbart, M. K., Ellis, L. K., Rueda, M. R., & Posner, M. I. (2003). Developing mechanisms of temperamental effortful control. *Journal of personality*, 71(6), 1113–1143. <https://doi.org/10.1111/1467-6494.7106009>

Rothbart, M. K., & Sheese, B. E. (2007). Temperament and Emotion Regulation. In J. J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 331–350). The Guilford Press.

Santos, S. V. (2008, outubro). *Forma reduzida do Parenting Stresse Index (PSI): Estudo Preliminar*. XIII Conferência Internacional Avaliação Formas e Contextos. Universidade do Minho.

Saudino K. J. (2005). Behavioral genetics and child temperament. *Journal of developmental and behavioral pediatrics: JDBP*, 26(3), 214–223. <https://doi.org/10.1097/00004703-200506000-00010>

Schmidt, B., Bolze, S., Vieira, M., & Crepaldi, M. (2018). *Percepções Parentais sobre o Temperamento Infantil e suas Relações com as Variáveis Sociodemográficas das Famílias*. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3436>

Shapiro, C., & Browne, C. (Eds.) (2016). *Innovative Approaches to Supporting Families of Young Children*. Springer International Publishing Switzerland. https://doi.org/10.1007/978-3-319-39059-8_1

Stright, A., & Gallagher, K., (2008). Infant temperament moderates relations between maternal parenting in early childhood and Children's Adjustment in first grade. *Child Development*, 33, 186-200. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2007.01119.x>

Sturge-Apple, M., Toth, S., Sour, J., & Adams, T. (2019). Social conditions and applied parenting. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting* (3a ed). Routledge.

Taraban, L., & Shaw, D. (2018). Parenting in context: Revisiting Belsky's classic process of parenting model in early childhood. *Developmental Review*, 48, 55-81. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2018.03.006>

Teti, D. M., & Gelfand, D. M. (1991). Behavioral competence among mothers of infants in the first year: The mediational role of maternal self-efficacy. *Child Development*, 62, 918-929. <https://doi.org/10.2307/1131143>

Teti, D. & Candelaria, M. (2002). Parenting competence. In M. Bornstein (Ed). *Handbook of Parenting: Social conditions and applied parenting* (pp. 149–180). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Thomas, A., Chess, S., Birch, H. G., Hertzig, M. E., & Korn, S. (1963). *Behavioral individuality in early childhood*. New York University Press. <https://doi.org/10.1037/14328-000>

Thomas ,A., & Chess S.(1997). Temperament and development.Oxford; 1977. New York: Brunner/Mazel.

Thomas, A., & Chess, S. (1980). The Dynamics of Psychological Development. Bruner/Mazel.[https://doi.org/10.1002/1520-6807\(198110\)18:4<511::AID-PITS2310180427>3.0.CO;2-7](https://doi.org/10.1002/1520-6807(198110)18:4<511::AID-PITS2310180427>3.0.CO;2-7)

Tremblay, R. E., Nagin, D. S., Séguin, J. R., Zoccolillo, M., Zelazo, P. D., Boivin, M., & Japel, C. (2004). Physical aggression during early childhood: Trajectories and predictors. *Pediatrics*, 114(1), e43–50. <https://doi.org/10.1542/peds.114.1.e43>.

Wang, Z., Deater-Deckard, K., Cutting, L., Thompson, L. A., & Petrill, S. A. (2012). Working memory and parent-rated components of attention in middle childhood: A behavioral genetic study. *Behavior Genetics*, 42(2), 199–208. <https://doi.org/10.1007/s10519-011-9508-8>

Whiffen, V. E. (1990). Maternal depressed mood and perceptions of child temperament. *Journal of Genetic Psychology*, 151, 329–339. <https://doi.org/10.1080/00221325.1990.9914621>